Múltiplos olhares sobre o engajamento de participantes do Programa Famílias Fortes: um estudo piloto em Aracaju, Brasil.

Larissa A. Nobre-Sandoval[1], Sheila G. Murta[1], Danielle A. Farias[1], Luís G. A. Vinha[2], Ana A. V. Miranda[1] e Fabio Iglesias[3]

[1]Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, Brasil. nobre.lan@gmail.com; giardini@unr.br; daniellearanhaf@gmail.com; aavmiranda@gmail.com
[2]Departamento de Estatística da Universidade de Brasília, Brasil. lgvinha@gmail.com
[3]Deparamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de Brasília, Brasil. fabiglesias@gmail.com

Resumo. O objetivo deste trabalho é descrever indicadores de engajamento e examinar as barreiras e facilitadores para a adesão dos participantes do Programa Famílias Fortes (PFF) ao longo de sua implementação em Aracaju, Brasil, sob a perspectiva de pesquisadores, famílias participantes do Programa e desistentes. Múltiplas estratégias metodológicas foram utilizadas na avaliação: observação direta, diários de monitoramento da coleta e entrevistas por telefone. Os principais indicadores de engajamento encontrados nas sessões foram a experiência de troca entre os membros do grupo e o aprendizado de novas habilidades. Por outro lado, foram identificadas barreias para o engajamento relativas à características do contexto externo, contexto interno, facilitadores e do Programa Famílias Fortes. Na perspectiva da pesquisa, torna-se necessário refinar o procedimento de observação das sessões. No processo de implementação, recomenda-se aprimorar cuidados com a retenção das famílias, a escolha do melhor período do ano e contexto político para a execução do Programa e aprimorar a sensibilização dos facilitadores do programa para uma adoção mais favorável à metodologia preventiva.

Palavras-chave: Engajamento; Adesão; Programa Famílias Fortes, programas baseados na família; observação direta.

Multiple perspectives on the engagement of the Strengthening Families Program participants: a pilot study in Aracaju, Brazil

Abstract. The aim of this work is to describe engagement indicators and analyze barriers and enablers regarding participants adherence of the Strengthening Families Program during its implementation in Aracaju, Brazil. The study takes into account the perspective of researchers, participating families and program dropouts. Multiple methodological strategies were used for evaluation: e.g. direct observation, monitoring diaries and telephone interviews. The main engagement indicators found in the sessions were: the experience exchange between group members; and the learning of new skills. Also, the study identifies two main barriers to adherence which are the socioeconomic context and the lack of facilitators' engagement. This study brings into evidence that it is necessary to refine the observational procedures. About implementation process, improvements on family retention are needed, choosing of the best time of the year and considering the political context for the implementation. In addition, improve the strategies to increase facilitator´s engagement that could result in a more favorable adoption of the preventive methodology.

Keywords: Engagement; Adherence; *Strengthening Families Program*, family-based programs; Direct observation;

1 Introdução

O programa Strengthening Families Program foi desenvolvido nos EUA por Kumpfer, DeMarsh & Child (1989). Sendo adaptado e implementado em países de baixa e média renda (Maalouf & Campello, 2014), chegou ao Brasil em 2013. Em estudo prévio de levantamento das necessidades de adaptação cultural do Programa, realizado em uma população circunscrita ao Distrito Federal (Murta, Nobre-

Sandoval, Pedralho, Tavares & Ramos, 2016), foi evidenciado que esta tecnologia de prevenção é suficientemente atrativa, pertinente e relevante culturalmente. O Programa Famílias Fortes (PFF) foi disseminado para outros estados brasileiros (CE, RN, PE e SE), estimulando avaliações mais complexas e completas do Programa para o Brasil.

A partir de uma solicitação da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça brasileiro, delineou-se o estudo da "Avaliação da efetividade, qualidade da implementação e validade Social do Programa Famílias Fortes (PFF)"[1]. Este trabalho se centra nos grupos de PFF realizados no município de Aracaju (Sergipe), especialmente nas metodologias qualitativas para a avaliação da adesão (ou engajamento) dos participantes ao Programa. Neste contexto, compreendemos engajamento enquanto processo dinâmico de interação entre participantes, facilitadores da intervenção e o conteúdo da mesma (Bamberger *et al.*, 2014), que resulta em influência direta sobre os seus efeitos (Breitenstein, Fogg, Garvey, Hil, Resnick & Gross, 2010).

Um processo de avaliação dos efeitos de uma intervenção deve considerar diversos elementos, entre eles: o contexto socioeconômico de aplicação (Burkhart, 2015), a fidelidade com que conteúdo é implementado (Byrnes, Miller, Aalborg, Plasencia & Keagy, 2010) e a forma como o público alvo se envolve com a intervenção (Bamberger, Coastworth, Fosco & Ram, 2014). Tal envolvimento é definitivo para a efetividade da intervenção, razão pela qual deve ser monitorada em estudos de efetividade (Gottfredson, Cook, Gardner, Gorman-Smith, Howe, Sandler, & Zaff, 2015).

Este artigo tem o propósito de (1) descrever o engajamento de adolescentes, pais e famílias nos encontros do Programa Famílias Fortes e (2) examinar barreiras e facilitadores da adesão para a sua ocorrência, por meio de múltiplos informantes (pesquisadores, participantes concluintes e participantes desistentes do Programa) e múltiplas medidas (Diário de Campo de pesquisadores, observação direta das sessões e entrevista por telefone com familiares desistentes).

2 Método

O Programa Famílias Fortes é um programa de prevenção fundamentado na família, manualizado, cujo conteúdo é centrado no desenvolvimetno de estilo parental autoritativo, caracterizado por amor (responsividade) e limites (exigência). Adota sessões de psicoeducação, com uso de cenas apresentadas em DVDs como disparadoras das interações entre os adolescentes de 10 a 14 anos e seus responsáveis (mães, avós, pais, irmãos maiores de 18 anos). Está organizado em 8 momentos, um econtro para sensibilização e 7 sessões de aproximadamente duas horas de duração cada. Na sensiblização os participantes são informados a respeito do PFF, sua duração e cronograma de execução. As sessões são divididas em duas partes, e a primeira hora é conduzida em dois grupos separados, um somente com os adolescentes e dois facilitadores e outro com os familiares responsáveis por estes adolescentes e um facilitador. A segunda parte da sessão é feita unindo toda a família em um só grupo e realizando atividades com a participação dos três facilitadores. A intervenção original prevê que nos 7 encontros deve haver um momento para os participantes receberem um lanche. Ainda para favorecer a participação, contam com cuidadores (não facilitadores) para acompanhar as crianças menores de 10 anos, não contempladas nas atividades do Programa. Esta infraestrutura também é prevista na intervenção original, assim como transporte para as famílias. Os grupos mencionados no estudo ocorreram nos Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de três bairros diferentes do município de Aracaju, Sergipe. Este equipamento público compõe a política de assistência social no eixo de proteção básica e atende público de todas as faixas etárias, focando-se no fortalecimento de vínculos entre os indivíduos.

[1] Estudo realizado com fomento da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Processo n°: 08129.014870/2015-16).

2.1 Participantes

A amostra dos grupos do PFF observada sessão a sessão foi composta por 27 adolescentes, 24 familiares responsáveis e nove facilitadores dos grupos. A Tabela 1 apresenta sua caracterização. Ao longo da avaliação participaram também 4 pesquisadores respondentes do instrumento de monitoramento denominado "Diário de Campo" de pesquisadores e executores das observações. Contou-se ainda com a participação de 4 responsáveis, do total de 6 identificados como desistentes da participação do Programa, sendo 3 mães e um pai, entrevistados após o término da intervenção. Como critério de desistência consideramos participação na primeira sessão seguida de, pelo menos, três faltas consecutivas em algum momento da intervenção.

Tabela 1: Caracterização da amostra participante dos 3 grupos do Programa Famílias Fortes.

Adolescentes			
Sexo		*Idade*	
Masculino	43,5%	Média	13,0
Feminino	56,5%	Desvio Padrão	1,3
Ano		*Familiares na casa*	
4o. Ano	4,3%	Mãe	87,0%
5o. Ano	13,0%	Pai	39,1%
6o. Ano	4,3%	Irmãos	87,0%
7o. Ano	47,8%	Avós	13,0%
8o. Ano	17,4%	Padrasto	13,0%
9o. Ano	4,3%	Madrasta	8,7%
Responsáveis			
Parentesco com o adolescente		*Sexo*	
Mãe	78,9%	Feminino	89,5%
Pai	10,5%	Masculino	10,5%
Avó	5,3%		
Irmã	5,3%	*Idade*	
		Média	35,9
Escolaridade		Desvio Padrão	9,2
Até 4ª série do EF	26,3%		
Até 8ª série do EF	47,4%	*Número de pessoas na casa*	
Ensino médio	21,1%	Média	5,3
		Desvio Padrão	1,8
Etnia autodeclarada			
Negra	47,4%	*Número de cômodos na casa*	
Parda	42,1%	Média	4,7
Branca	10,5%	Desvio Padrão	1,0
Facilitadores do PFF			
Sexo		*Idade*	
Feminino	100%	Média	36,4
Masculino	0%	Desvio Padrão	8,2
Conduzir grupos com crianças		*Conduzir grupos com adultos*	
Sim	100%	Sim	71,4%
Não	0%	Não	28,6%
Experiência com PFF em meses		*Experiência prévia com programas de prevenção ao uso abusivo de álcool e drogas*	
1 mês	14,3%	Sim	28,6%
2 meses	28,6%	Não	71,4%
3 meses	57,1%		

Tem graduação		*Tem pós-graduação*	
Sim	85,7%	Sim	71,4%
Não	14,3%	Não	28,6%

2.2. Instrumentos

Lista de Frequência: Instrumento para registro da assiduidade das famílias nas sessões do Programa.
Roteiro para Observação de Engajamento Durante as Sessões: Trata-se de um formulário de observação do comportamento, adaptado de Murta (2007), em que o observador registra a ocorrência e descreve os seguintes comportamentos indicadores de engajamento: 1. Interesse (os participantes demonstram interesse na discussão e fazem perguntas para o facilitador); 2. Confiança (os participantes demonstram confiar no grupo e nos facilitadores e relatam problemas, dificuldades ou sofrimentos pessoais); 3. Transferência para a vida (os participantes relatam estar aplicando no cotidiano o que estão discutindo no PFF e relatam reflexões, percepções, planejamento ou ações); 4. Mudanças (os participantes demonstram progresso e relatam mudanças percebidas em si ou na sua família como tendo sido motivadas pela participação no PFF); 5. Apoio social (os participantes demonstram solidariedade entre os membros do grupo e oferecem apoio entre si, como compartilhar informação, consolo e empatia); 6. Satisfação (os participantes demonstram satisfação com a sessão e expressam isto por meio de apreciação ou elogios a temáticas, atividades, facilitadores ou outros elementos do PFF); 7. Desengajamento (os participantes demonstram desconforto, apatia e desinteresse com a sessão, como levantar-se muitas vezes e deixar a sala, recusar-se a fazer a atividade e permanecer em silêncio quando convidado a participar). Além destes indicadores, o observador descreve suas impressões gerais sobre outras reações dos participantes durante a sessão que revelem engajamento (utilizado neste trabalho como sinônimo de adesão) ou não engajamento no PFF.
Diário de Campo: Instrumento desenvolvido *ad hoc* e preenchido pelos pesquisadores para monitoramento do processo de implementação e coleta dados, trata aspectos como: atividades terem acontecido conforme previsto, descrição das principais dificuldades percebidas e soluções adotadas para estas situações, principais êxitos nas atividades, impressões acerca das coletas realizadas e sugestões de melhoria para o procedimento de pesquisa. Apresenta descrições que, como apontado por Halfpenny (1979), registram ações, definições das situações experimentadas e eventos percebidos como relevantes, sem desconectá-lo de seu contexto. Adota-se aqui uma postura inicial exploratória, com o objetivo de averiguar barreiras e facilitadores da adesão da implementação do PFF.
Roteiro de Entrevista para Desistentes: Elaborado para este estudo, compreende quatro perguntas: "O que te levou a desistir de participar do Programa Famílias Fortes?"; "Há algo que você não gostou no Programa Famílias Fortes?"; "Houve algo que você gostou no Programa Famílias Fortes?"; "O que você acha que poderia facilitar a participação das famílias neste Programa?".

2.3. Procedimento de coleta de dados

Por ser um estudo piloto de aprimoramento do procedimento, os três grupos tiveram diferentes estratégias de distribuição dos observadores. No Grupo 1 e no Grupo 3 houve um único observador, em cada grupo, atuando de maneira alternada entre sessões de adolescentes e de responsáveis, semana a semana. Entretanto, estes estiveram presentes em todos os encontros das famílias. No Grupo 2, por outro lado, participaram dois observadores, contemplado ambos grupos e o encontro das famílias na segunda parte da sessão. Os observadores foram instruídos a participar dos encontros sem tomar nota durante a observação e registrar, somente ao final, a ocorrência de comportamentos indicadores de engajamento e ou desengajamento.

Quanto aos Diários de Campo, foram preenchidos pelos pesquisadores em ferramenta virtual compartilhada (Google Drive) ao longo de todo o processo de coleta. Supervisões do trabalho eram realizadas semanalmente para a discussão dos aspectos apontados neste instrumento, sendo um novo momento de preenchimento.
Os familiares desistentes do Programa foram contatados por telefone após a finalização das 7 sessões. Os que apresentaram sua concordância em participar do estudo oralmente responderam às questões feitas nesta mesma ligação. Todo o procedimento foi gravado em áudio e transcrito. A duração das entrevistas foi, em média, de 5 minutos.

2.4. Procedimentos de análise dos dados

A adesão dos participantes ao PFF foi avaliada pela assiduidade às sessões e por observação direta do engajamento de adolescentes e seus responsáveis nos encontros, por meio dos indicadores já mencionados: interesse, confiança, transferência para a vida, mudanças, apoio social e desengajamento. Os dados obtidos a partir do registro das observações e da entrevista com desistentes, após transcrição, passaram por uma análise flutuante de dados, onde houve o reconhecimento do material. Após essa primeira análise os dados foram inseridos no programa NVIVO e com o auxílio dessa ferramenta passaram por uma análise microscópica e categorização. Como sugerido por Straus e Corbin (2008), essa codificação aberta correspondeu em expressar os dados em forma de conceitos ou dimensões de análise. Depois, os dados foram novamente agrupados em unidades de significado. Posteriormente, os dados específicos das observações foram computados por ocorrência nas sessões de cada grupo. Utilizou-se nesta etapa a ferramenta Excel. Os dados qualitativos obtidos pelos Diários de Campo foram registrados em Excel e analisados por meio de análise de conteúdo (Creswell, 2007), sendo submetidos a sucessivas leituras para a identificação de categorias e subcategorias.

2.5. Procedimento éticos

Todos os participantes do estudo foram devidamente informados acerca de seus direitos, do caráter vonluntário de sua participação, dos objetivos da pesquisa, da possibilidade de desistência, da preservação de sua identidade, do acesso e uso dos dados e expressaram sua concordância. Este estudo tem a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciência Humanas da Universidade de Brasília inscrito sob número de protocolo 53103516.1.0000.5540.

3 Resultados

O primeiro indicador de adesão avaliado está decrito na Tabela 2 e se refere à assiduidade das famílias nos encontros do Programa.

Tabela 2. Assiduidade de famílias no PFF.

	N Sensibilização	N Sessão 1	N Sessão 2	N Sessão 3	N Sessão 4	N Sessão 5	N Sessão 6	N Sessão 7
Grupo 1	9	6	2	3	6	3*	5	4
Grupo 2	6	6	5*	5	6	2*	4	3
Grupo 3	8	7	6	5	5	7	1	6

*Presença de adolescentes desacompanhados de seus responsáveis.

Vale ressaltar que na Lista de Frequência e em explicação complementar do Diário de Campo, foi apontado que na sessão 5 do Grupo 1 e nas sessões 2 e 5 do Grupo 2 estiveram presentes adolescentes não acompanhados por seus familiares responsáveis.

O segundo critério de adesão ao Programa foram os comportamentos de engajamento observados durantes as sessões. Foi possível aferir e analisar apenas informações de dois deles. No Grupo 1 houve um pesquisador de maneira alternada nas sessões de responsáveis e de adolescentes, mas de maneira contínua no encontro de famílias. No Grupo 2, dois observadores realizaram a coleta, havendo apenas uma falha na 5ª sessão, quando não houve a participação do observador no grupo de responsáveis. Entretanto, a coleta do Grupo 3 foi prejudicada pela execução assistemática do procedimento que aferiu não apenas a observação, mas a ocorrência de engajamento a partir do relato de facilitadores envolvidos na implementação. Por este motivo, seus registros foram descartados. A Figura 1 ilustra a ocorrência dos comportamentos indicadores de engajamento ou desengajamento ao longo das sessões nos Grupos 1 e 2 observados.

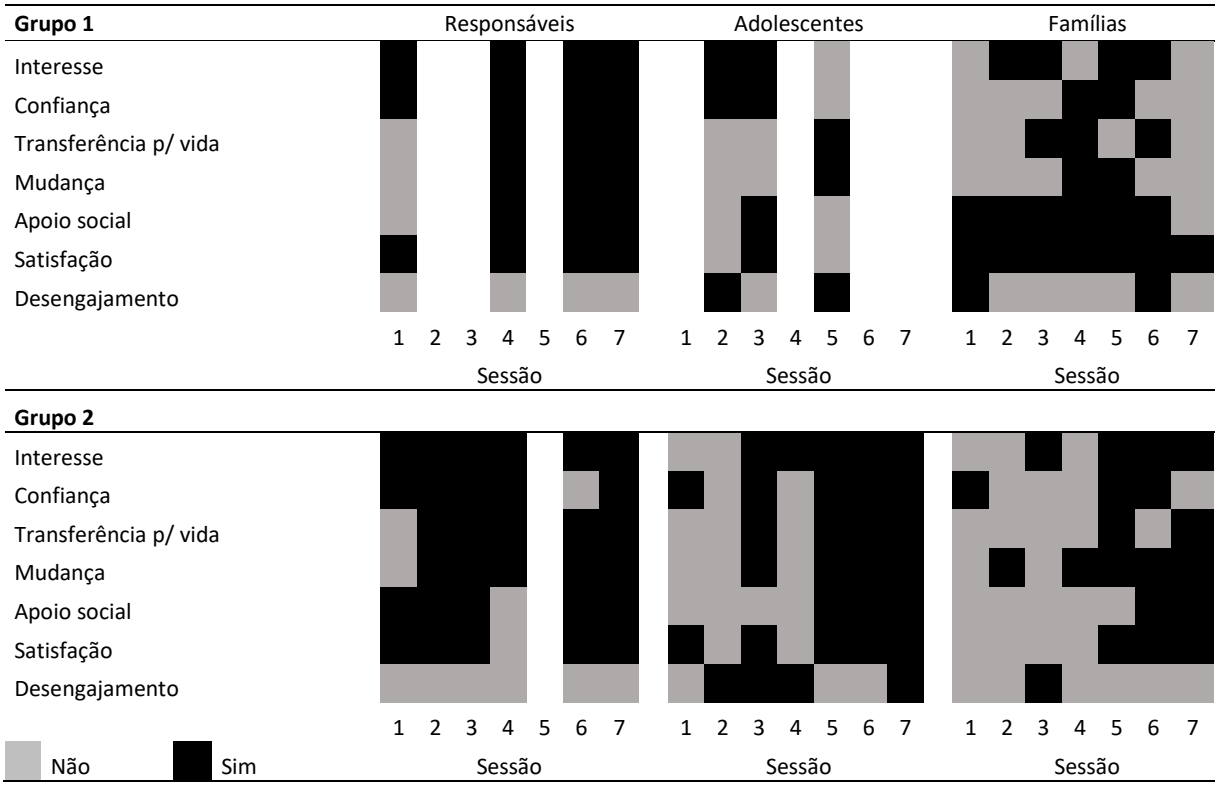

Fig. 1. *Ocorrência dos indicadores de engajamento dos participantes observados durantes as sessões.*

Pode-se identificar que logo na primeira sessão dos pais são evidenciados comportamentos que apontam confiança, interesse e satisfação. Houve uma tendência, com o passar das 7 sessões, de ocorrência de comportamentos de demonstração de apoio social entre os membros do grupo, relatos de aplicação do que foi trabalhado no cotidiano das famílias e ainda mudanças percebidas motivadas pelo PFF. Houve relatos da transferência para a vida já a partir da sessão 2 nos dois grupos observados. Nas sessões dos adolescentes, o Grupo 1 apresentou comportamentos de interesse e confiança já nas segunda e terceira sessões. Entretanto, no Grupo 2, os participantes demonstraram interesse apenas a partir da 3ª sessão. Pode-se verificar que houve menos relatos de satisfação nas sessões dos jovens do que nas sessões dos pais. No Grupo 2, observado em todos os encontros, houve indicadores de uso do conteúdo do Programa na 3ª, 5ª, 6ª e 7ª sessões. No Grupo 1, quando os jovens foram observados,

na sessão 5, houve relatos de transferência do conteúdo para a vida e mudanças; entretanto, não demonstraram interesse, confiança, apoio social e satisfação, e demonstraram desengajamento.
Considerando os dados observados nos encontros de famílias, foi possível evidenciar maior ocorrência de apoio social entre os membros do grupo e satisfação com as atividades no Grupo 1. No Grupo 2, quase todos os indicadores passam a ocorrer somente após a 5ª sessão.
Os Diários de Campo do pesquisador facilitaram a interpretação das observações diretas. Foram identificadas falhas no treinamento do procedimento de observação que geraram um registro equivocado do Grupo 3 e posterior descarte dos dados. Ainda por este monitoramento, foram identificados momentos de falta de observação por ausência do pesquisador (como na sessão 5 dos responsáveis no Grupo 2).
Os Diários de Campo foram analisados focando-se as barreiras e facilitadores da adesão ao PFF em quatro níveis de análise: contexto externo, contexto interno, facilitadores do programa e PFF. Por contexto externo entenderemos o município de Aracaju e o Estado do Sergipe. Contexto interno se refere ao equipamento público (CRAS) onde o Programa foi realizado. O nível seguinte de análise contempla aspectos dos facilitadores (profissionais que conduziram os grupos) da intervenção. O último nível diz respeito aos aspectos do currículo da intervenção, de seus objetivos e procedimentos.
O conteúdo dos Diários de Campo dos pesquisadores locais elucidou nove barreiras e quatro facilitadores da adesão, conforme ilustrado na Figura 2.

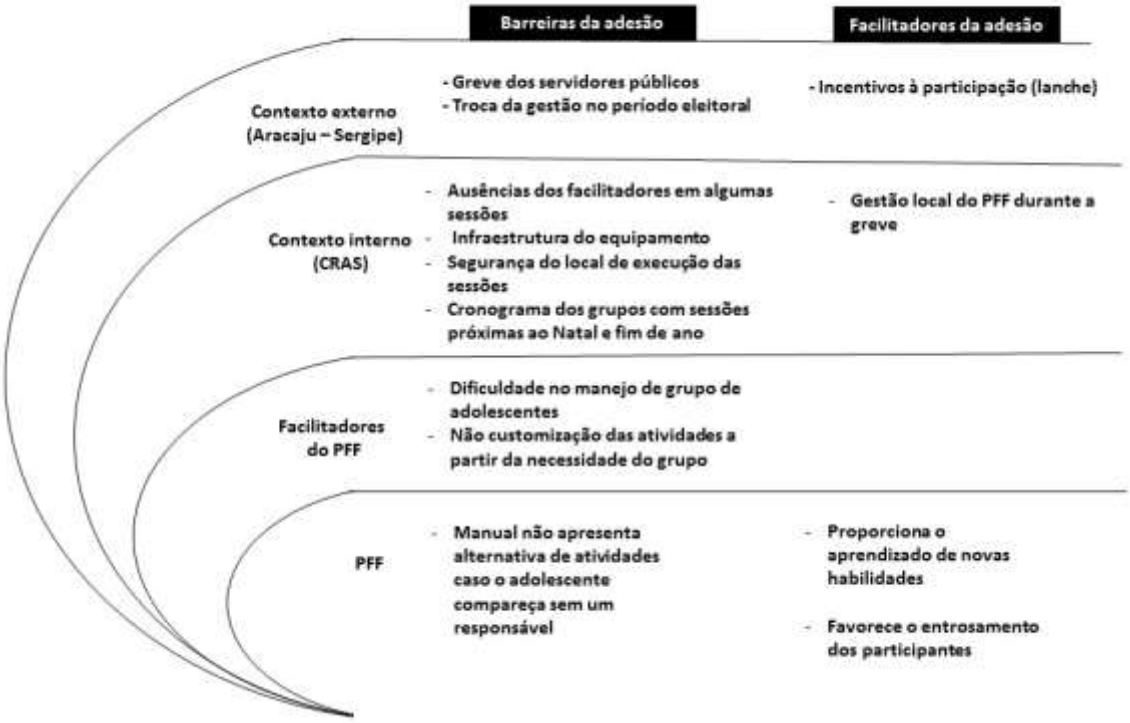

Fig. 2. *Barreiras e facilitadores da adesão dos participantes do Programa a partir dos Diários de Campo de acompanhamento da coleta dos pesquisadores.*

No contexto externo, o principal elemento foi a greve de servidores públicos combinada à troca da gestão pública, em decorrência do período eleitoral, acarretando inconstância na oferta de serviços públicos. Nestas circunstâncias, em dias anteriores ao planejamento das sessões, o CRAS do Grupo 2 foi atacado por protestos violentos e teve que cessar os atendimentos. Os equipamentos permaneceram fechados por um tempo e os profissionais paralisados. Paradoxalmente, a gestão do equipamento conseguiu manejar de forma a não prejudicar a continuidade do PFF. Assim, a ação da

gestão local foi um ponto positivo facilitando a participação continuada da assistência destas famílias. Outro fato a ser destacado como barreira foi a pactuação do cronograma dos Grupos no município. As sessões finais do PFF coincidiram com datas de Natal e final de ano, impactando a frequência. Ainda no nível de gestão do município, um facilitador para a adesão foi o compromisso com a oferta do lanche para cada sessão. Diversos familiares, pesquisadores e facilitadores do programa concordam que é um atrativo, e condição necessária, para o comparecimento das famílias nos encontros.
Quanto ao contexto interno, alguns equipamentos públicos têm limites infraestruturais que ocasionaram prejuízos ao Programa como, por exemplo, falhas na projeção do DVD. Outra barreira na organização do CRAS é o número insuficiente de profissionais disponibilizados para atender os adolescentes (dois facilitadores por grupo de adolescentes), o que gera grande dispersão do grupo quando guiado por um único facilitador e menor aproveitamento da sessão.
No que se refere ao nível de facilitadores do programa, foram evidenciados comportamentos de desengajamento e os relatos dos Diários de Campo apontaram dificuldades na condução das conversas e na ocorrência de reprimendas por comportamentos desobedientes, além de aparente dificuldade de customização das técnicas de acordo com as necessidades dos participantes. Não foram evidenciados elementos facilitadores para a adesão neste nível de análise.
Quanto às barreiras identificadas no Programa, temos o fato de que este é altamente manualizado e houve relatos de participação dos adolescentes sem a presença de um responsável, impedindo a fidelidade das atividades previstas no Programa. Dentre os relatos dos adolescentes e seus responsáveis, o facilitador para adesão mais destacado foi a aprendizagem de alguns comportamentos (habilidades). Os pais afirmam refletir um pouco mais sobre o que fazem dentro de casa e os adolescentes se sentem mais fortalecidos. A interação entre os membros do grupo e a troca de apoio social também aparecem nos Diários de Campo como facilitadores da adesão. Tanto nas observações quanto nos relatos de acompanhamento, os pesquisadores percebem o crescimento gradativo do entusiasmo com a discussão das temáticas do Programa, bem como demonstração de emoções.
A totalidade de relatos apresentados a partir das entrevistas com desistentes faz referência à causas externas ao currículo do PFF como motivo à não participação, entre elas o horário e o dia da semana de realização dos encontros dos grupos, que coincidiam com o momento do trabalho. Em apenas um relato o motivo apontado foi não ter um responsável para acompanhar o adolescente a participar.

4 Discussão

A teoria em avaliação de programas preventivos aponta que múltiplos fatores podem influenciar a adesão. Há características prévias à implementação como a alocação dos participantes em intervenções incompatíveis com sua disponibilidade (Aalborg, Miller, Husson, Byrnes, Bauman & Spoth 2010) ou aspectos do contexto externo (social, político e econômico) e interno (do serviço onde serão oferecidos) no qual se dão os programas (Burkhart, 2015).
Sobre a assiduidade, diversos estudos afirmam que a retenção é um grande desafio para as intervenções preventivas. Aalborg e colaboradores (2010), em um estudo com a implementação do "*Strengthening Families Program"* nos Estados Unidos, verificaram que entre um grupo de 235 famílias convidados a participar do programa, 37% não foram a nenhuma sessão, 47% compareceram em quatro ou mais sessões e apenas 16% desta amostra finalizou assistindo às sete sessões do programa. Neste estudo, acompanhando a assiduidade, considerando o contexto de implementação e as entrevistas com os desistentes, identificamos influências que ultrapassam esferas da intervenção indicando a importância de considerar o contexto sociopolítico da implementação, o período do ano em que iniciam as atividades e os interesses e disponibilidade de datas e horários das famílias convidadas a participar.

Há ainda características que impactam a adesão ao longo do processo de implementação, como os limites na infraestrutura dos serviços que recebem o programa ou aspectos da atuação do facilitador. Mytton e colaboradores (2014) evidenciam em uma revisão sistemática qualitativa que, tanto na visão de pesquisadores avaliadores dos programas como dos participantes, as habilidades dos facilitadores na condução das sessões são foco de aprimoramento constante para garantir adesão às intervenções. Os resultados relativos aos indicadores de engajamento observados durante as sessões devem ser interpretados com cautela, à luz das limitações deste estudo. A primeira limitação refere-se ao uso de procedimentos não padronizados de observação, com a realização de observações alternadas entre os encontros de responsáveis e adolescentes e variação no tempo total de observação em cada encontro. A segunda limitação diz respeito ao uso de apenas um observador por grupo e à ausência de registro em vídeos, o que inviabiliza cálculos de concordância entre observadores. A terceira limitação é relativa às definições dos indicadores de observação "Transferência para a vida" e "Mudanças", que geraram dados similares. Por fim, o registro de eventos ocorridos fora da sessão no Roteiro para Observação de Engajamento Durante as Sessões indica necessidade de treinamento do observador para separar sua observação extra-sessão da observação intra-sessão. No conjunto, estes dados apontam alvos para melhorias nos intrumentos e procedimentos de observação antes, durante e após as sessões, o que poderá ser contemplado em estudos futuros.

Referências

Aalborg, A., Miller, B., Husson, G., Byrnes, H. Bauman, K. & Spoth, R. (2010). Implementation of adolescent family-based substance use prevention programs in health care settings: comparisons across conditions and programs. *Health Education Journal*, *71* (1), 53-61.

Bamberger, K. T., Coastworth, J.A., Fosco, G. M. & Ram, N. (2014). Change in participant engagement during a family-based preventive intervention: Ups and downs with time and tension. *Journal of Family Psychology, 28*(6), 811-820.

Breitenstein, S. M., Fogg, L., Garvey, C., Hill, C., Resnick, B., & Gross, D. (2010). Measuring implementation fidelity in a community-based parenting intervention. *Nursing Research*, 59, 158–165.

Burkart, G. (2015). Is the Strengthening Families Programme feasible in Europe? *Journal of Children's Services, 10*(2), 133-150.

Byrnes, H.F.; Miller, B. A.; Aalborg, A. E.; Plasencia, A. V. & Keagy, C.D. (2010). Implementation fidelity in adolescent family-based prevention programs: relationship to family engagement. *Health Education Research, 25*(4), 531–541.

Creswell, J. W. (2007). Qualitative inquiry & research design: choosing among five approaches. California: Sage.

Agradecimentos. Agradecemos a equipe de pesquisadoras de Sergipe que colaboraram nesta coleta: Lumara C. M. Santos, Tainara F. Inocencio, Tania C. V. Oliveira e Weslla T. Andrade.

Gottfredson, D. C., Cook, T. D., Gardner, F. E. M., Gorman-Smith, D., Howe, G. W., Sandler, I. N., & Zafft, K. M. (2015). Standards of evidence for efficacy, effectiveness, and scale-up research in prevention science: next generation. *Prevention Science, 16*(7), 893–926.

Halfpenny, P. (1979) The analysis of qualitative data. *Sociological Review,* 27 (4), 799-825.

Kumpfer, K. L., DeMarsh, J. P., & Child, W. (1989). Strengthening families program: Children's Skill Curriculum Manual, Parent Training Manual, Children's Skill Training Manual, and Family Skills Training Manual (Prevention Services to Children of Substance-Abusing Parents). Salt Lake City, UT: Department of Health, Alcohol and Drug Research Center.

Maalouf, W., & Campello, G. (2014). The influence of Family skills programmes in violence indicators: experience from a multi-site project of the United Nations Office on Drugs and Crime in low and middle income countries. *Aggression and Violent Behavior*, 19, 616-624.

Murta, S. G. (2007). Avaliação de processo de um programa de manejo de estresse ocupacional. Psicologia: Reflexão e Crítica, 20, 295-302.

Murta, S. G.; Nobre-Sandoval, L. A.; Pedralho, M. S.; Tavares, T. N. G. & Ramos, C. E. P. L. (2016) Avaliação de necessidades para adaptação cultural do Programa Famílias Fortes no Brasil. Artigo submetido à publicação, 2016.

Murta, S. G., Menezes, J. C. L., Pedralho, M. S., Rocha, V. P., Aló, C. M. & Nobre-Sandoval, L.A. (no prelo). Programa Famílias Fortes: fortalecendo processos protetivos junto a famílias, pais e adolescentes para a prevenção ao abuso de drogas. Portal Aberta. http://www.aberta.senad.gov.br/

Mytton, J., Ingram, J., Manns, S. & Thomas, J. (2014). Facilitators and Barriers to Engagement in Parenting Programs: A Qualitative Systematic Review. *Health Education & Behavior. (41)*2, 127-137.

Strauss, A. S., & Corbin, J. (2008) Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria. Porto Alegre. Artmed.